



FOTO CEDIADA PELO INSTITUTO PAULO FREIRE

XII CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO —COPED—

PAULO FREIRE: TRABALHO E PRÁTICAS EMANCIPATÓRIAS

22 a 24 de Set. 2021



PENSAMENTO PEDAGÓGICO DE PAULO FREIRE

Darliane Silva do Amaral
Universidade Federal de Mato Grosso, darliane.amaral@gmail.com

RESUMO

O texto pretende debater o pensamento pedagógico de Paulo Freire. Ressaltar seu legado humanista, político e educativo. Ele acreditava que, por meio da educação, as pessoas transformariam a realidade na qual vivem; criticava métodos de ensino enfadonhos e compreendia o ser humano como ser singular e inacabado. Freire propôs uma pauta no diálogo. Em face dessa posição sobre a escola, Freire sugeriu, em seu ideal pedagógico, mudanças nas nomenclaturas existentes no sistema escolar por entender que sala de aula, aluno, professor e aula carregavam uma simbologia impregnada de sentido domesticador, substituiu-as, respectivamente, por Círculos de Cultura, participantes dos grupos de discussões, coordenador de debate e diálogo. Em Freire, educação é formação humana, ação política e processo de humanização.

Palavras-chave: Paulo Freire. Pensamento Pedagógico. Escola.

Introdução

Desde o século XV, quando se inicia a modernidade, muitos autores têm apresentado pensamentos pedagógicos com vistas a desenvolver métodos pedagógicos. “A pedagogia é um saber sempre alinhado, mas que *deve* alinhar-se *pela* emancipação, *pela* libertação do homem, como sujeito-indivíduo e como gênero” (CAMBI, 1999, p. 620, grifos do autor). Certamente houve ideias pedagógicas que foram ao encontro de uma pedagogia emancipadora, bem como em oposição a elas. Acerca das ideias pedagógicas, na visão de Saviani (2013, p. 6), “[...] são ideias educacionais, não em si mesmas, mas na forma como se encarnam no movimento real da educação, orientando e, mais do que isso, construindo a própria substância da prática educativa”.

Diante de uma infância difícil no Nordeste brasileiro, uma vida adulta durante a ditadura e uma década de exílio, Paulo Freire não desanima nem adere ao discurso de se tornar vítima. Ao contrário, ampara suas lutas também em sua vida e, corajosamente, rompe com consensos e propõe uma práxis educativa que acaba por ser a renovação da própria pedagogia.

Freire denuncia a educação “bancária” na obra *Pedagogia do Oprimido*, e defende que o homem seja um *ser mais*. “Esta busca no *ser mais*, porém, não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos” (FREIRE, 2016, p. 129). Assim, o pensamento pedagógico daquele educador pode ser considerado inovador, ao passo que se propõe uma Pedagogia que se sobreponha ao modelo escolar que reproduz a educação “bancária”, respeitando o ser humano em sua integralidade, e que nenhuma prática educativa pode diminuir ou excluir a possibilidade do homem de *ser mais*.

Paulo Freire e seu pensamento pedagógico

Nascido no século XX, Paulo Reglus Freire (1921-1997) é natural de Recife, Pernambuco. “Paulo Freire sentiu a dureza da vida. Ele conta da dificuldade que teve para estudar devido à precariedade financeira da família, mas, ao mesmo tempo, lembra o afeto e a amorosidade que nunca lhes faltaram e que serão uma marca de sua vida e obra” (STRECK, 2010, p. 329). Graduou-se em Direito em 1946, na Faculdade de Direito do Recife, contudo, não exerceu a profissão nessa área. Escolheu o viés da educação e nele construiu seu legado e uma vasta obra, na qual desenvolveu uma perspectiva de educação com vistas à libertação do homem. Sua pedagogia esteve voltada a afirmar que “[...] não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (FREIRE, 2003, p. 43).

Um dos marcos do autor foi sua atuação na alfabetização de adultos, inicialmente atribuindo-lhe visibilidade nacional e, posteriormente, internacional. Para Cambi (1999), o movimento da educação de adultos representa um enriquecimento para a pedagogia e a educação, uma vez que propiciou uma releitura dos modelos eurocêntricos, oportunizando aos homens e mulheres excluídos da cultura começarem a ter contato com o alfabeto, integrando-os à vivência de um conhecimento crítico. Pensando a educação de adultos especificamente na perspectiva de Freire, cumpra-nos ressaltar que ela é forjada com os educandos e não para os educandos, pois só assim é possível que o homem resgate a sua humanidade. Um elemento fundamental nesse percurso de constante resgate pela humanidade é a tomada de consciência da realidade. É preciso “[...] que ultrapassemos a esfera espontânea da apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 1980, p. 26).

Essa mudança de consciência é vista por Saviani (2013), como um processo de trabalho que não se dá automaticamente. Chama a atenção, ainda, que as pessoas, ao vivenciarem essa transição “[...] da consciência ingênua para a consciência crítica, podem cair na consciência fanatizada, configurada pelo fenômeno da massificação” (SAVIANI, 2013, p. 324). É recorrente o questionamento de Freire para que a educação não seja uma espécie de modelo assistencialista, no qual o homem não desenvolva autonomia para a tomada de decisão, engajamento social e político, mas defenda, sobretudo, a responsabilização com as problemáticas do mundo no qual está inserido.

Freire foi convidado em 1963 para coordenar o Plano Nacional de Alfabetização no Brasil e, em menos de um ano, o projeto foi interrompido em decorrência do golpe militar de 1964 no país (SAVIANI, 2013). “Esse Plano previa a alfabetização de 5 a 6 milhões de brasileiros em 1964 através da formação de 20.000 “Círculos de Cultura”” (SCOCUGLIA, 1999, p. 9). Com o golpe militar, Freire fica alguns meses preso e, depois, vive quinze anos de exílio, passando pelos Estados Unidos da América (EUA), Bolívia, Suíça e Chile, ampliando, assim, suas lutas em outros continentes. Com a Anistia de 1979, volta ao Brasil, inicia seu trabalho na Universidade de Campinas e na Pontifícia Católica de São Paulo e, ainda, aceita o cargo de Secretário de Educação do Município de São Paulo.

Escola: formação humana ou conteúdos isolados?

Em nossa percepção, a escola visa padronizar o ser humano, impõe uma rotina de atividade na qual o aluno é treinado mecanicamente para atingir determinado perfil, e nesse procedimento elimina-se o espaço de criar. No processo de moldar um perfil de pessoa que atenda às exigências postas pelo mercado dos indicadores educacionais, ocorre, em nossa opinião, a deformação do ser humano, pois a visibilidade da educação está centrada na padronização, no controle do ensino e aprendizagem, minando-se as possibilidades de que o adolescente e o professor ensejem algo novo, ou seja, que criem. O controle que determina o comportamento do aluno e o modo como deve aprender, também impõe ao professor a forma adequada de ensinar. Nessa dinâmica escolar, estruturada no controle do ensino, a educação autêntica foi deformada.

Com frequência vamos assistindo o surgimento de propostas de alteração curricular, formação contínua dos professores, modelos de avaliação e gestão, novas abordagens de aquisição da aprendizagem etc., mas, de fato, tem-se uma escola que, em grande parte, desenvolve práticas escolares excludentes e opressoras.

É preciso debater escola com foco no ser humano, na sua humanização, do que em métodos de ensino para atingir melhores indicadores educacionais. Na visão de Gadotti (2002, p.47), “[...] a escola perdeu seu sentido de humanização quando ela virou mercadoria, quando deixou de ser o lugar onde a gente aprende a ser gente, para tornar-se o lugar onde as crianças e os jovens vão para aprender a competir no mercado”.

Freire pensou nas individualidades e peculiaridades humanas e propôs uma pedagogia baseada no outro. Propôs os Círculos de Cultura, considerados unidades alfabetizadoras, proposta para substituir a sala de aula que, na visão de Paulo Freire, atrofiava o homem pela prática, por vezes, autoritária e “bancária”. Partindo dessa perspectiva, Freire denunciou a instituição escolar, em seus ideais pedagógicos, com críticas ao modelo de educação “bancária”, ou seja, prescritiva, na qual o homem permanece alienado diante do mundo e da realidade em que vive. Em face dessa posição sobre a escola, Freire propõe, em seu ideal pedagógico, mudanças nas nomenclaturas existentes no sistema escolar por entender que sala de aula, aluno, professor e aula carregavam uma simbologia impregnada de sentido domesticador, substituiu-as, respectivamente, por Círculos de Cultura, participantes dos grupos de discussões, coordenador de debate e diálogo (SAVIANI, 2013). Um princípio do trabalho desenvolvido nos Círculos de Cultura era o de inserir o contexto cultural dos participantes dos grupos nos debates, uma vez que era almejada uma modificação das atitudes básicas na realidade em que cada participante/analfabeto vivia. Gadotti (1983, p. 6), ao prefaciá-lo *Educação e Mudança*, é categórico ao afirmar que “[...] depois de Paulo Freire ninguém mais pode ignorar que a educação é um ato político”.

Considerações finais

Em Freire (1967, 2016), a educação deve incidir numa tomada de consciência para que o homem possa refletir e agir no seu cotidiano. Nele, o método de ensino defende a imersão no mundo cultural do educando para que o conhecimento seja resignificado na prática. Grosso modo, o pensamento pedagógico de Freire denuncia modelos educacionais que não respeitam a condição de ser do homem, que o oprime e não o capacita para uma tomada de consciência do mundo em que vive. Dessa concepção, é de suma importância que a educação e a escola atuem de maneira a promover o desenvolvimento e a libertação do homem.

Freire viveu 76 anos e, esse ano, completa 100 anos de seu nascimento. A educação popular de Freire ainda se faz necessária, uma vez que há homens e sistemas educativos opressores e oprimidos. O contexto social e político brasileiro no ano do centenário de Paulo Freire suscita reflexões das mais diversas naturezas, haja vista vivermos uma calamidade pública em decorrência da pandemia do coronavírus, bem como pelo governo federal orquestrado por pessoas públicas que difamam o educador Paulo Freire e tentam descredibilizar seu pensamento e sua atuação política. A nosso ver, torna-se urgente proclamar o legado de Freire, sua perspectiva de educação como prática de liberdade e luta por educação que liberte opressores. Viva Paulo Freire!

Referências

COPED

XII CONGRESSO NACIONAL
DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. Trad. de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. *Ação cultural para a liberdade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 4. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. *Pedagogia do oprimido*. 60 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. São Paulo: Cortez, 2002.

GADOTTI, Moacir. *Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1983.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A história das ideias pedagógicas de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1999.

STRECK, Danilo. *Fontes da Pedagogia latino-americana: uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

COPED

XII CONGRESSO NACIONAL
DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO